

As dificuldades de Sarney

por Walter Marques
de Brasília

O vice-presidente no exercício da Presidência da República, José Sarney, na intimidade uma pessoa amena, na política, extremamente cauteloso mas determinado, é hoje um homem que se orienta pelos compromissos da Aliança Democrática. Ele não possui vínculos com grupos ou lideranças políticas que possam ter mais influência sobre suas decisões do que os compromissos firmados por Tancredo Neves no casamento que uniu o PMDB e o PFL para formar a Aliança Democrática.

Assim é visto José Sarney pelos seus amigos, entre os quais figuram o ministro da Educação, Marco Maciel, o ministro da Cultura, José Aparecido, o presidente do PMDB e da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, o ministro da Administração, Aluísio Alves, e o ex-governador de São Paulo e líder dos cafeicultores paulistas, Roberto de Abreu Sodré.

Também no PDS, partido que presidiu desde a sua fundação até o rompimento com o então presidente João Figueiredo e o deputado Paulo Maluf, o presidente interino José Sarney deixou laços de amizade e afeição que ainda o ligam ao senador Luís Vianna e



ao líder do PDS na Câmara, deputado Prisco Viana, que foi secretário geral do partido até a convenção nacional de julho de 1983.

Politicamente, José Sarney pertence ao Partido da Frente Liberal. Juridicamente ele está no PMDB, partido ao qual se filiou para proteger de retaliações sua candidatura à Vice-Presidência. Há quem veja, por isso, em José Sarney a personificação do hibridismo político brasileiro. Seus amigos pemedebistas, no entanto, embora conside-

rem que ele pertença ao PMDB apenas legalmente, não excluem que ele venha a fazer uma opção pelo partido de Ulysses Guimarães, dominado por uma maioria conservadora, coadjuvada por moderados partidos comunistas, que logo poderão encontrar seu próprio perfil legal, caso se efetive a prometida reforma partidária, um dos compromissos da Aliança Democrática.

Certamente, se, em qualquer hipótese, Tancredo Neves não pudesse assumir, José Sarney sofreria a oposição dos radicais do PMDB e, talvez, do PDT. O deputado Alencar Furtado, que disputou a presidência da Câmara contra Ulysses Guimarães, com o apoio dos malufistas, e se refere a Sarney como "o presidente conjuntural", recebeu naquele embate parlamentar 210 votos. Contra José Sarney, no entanto, ele dificilmente chegaria a 20. No Congresso Nacional, o apoio a Sarney — leia-se a normalidade institucional que ele representa — une desde o PDS aos comunistas do PCB e do PC do B, todos interessados em consolidá-lo na Presidência da República caso Tancredo Neves não possa assumir.

Mas José Sarney tem um

amigo muito importante: o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves. Fontes do PMDB muito próximas a Tancredo Neves recordam que José Sarney teve muita influência na escolha do ministro do Exército e que o general Leônidas Pires Gonçalves é provavelmente, entre os militares, o seu maior amigo. Talvez isto bastasse para caracterizar José Sarney como um homem comprometido com as instituições e a normalidade constitucional.

Deve-se, no entanto, acrescentar que durante a campanha eleitoral ele foi um dos elos de Tancredo Neves com as Forças Armadas através de um grupo de generais e coronéis de Brasília que nele viam e vêem tanto uma garantia de legalidade quanto certeza de que entre as novidades da Nova República não haveria a menor ameaça de caráter ideológico no plano político-social.

Hoje, José Sarney é um homem marcado pelas circunstâncias dramáticas que, em vários momentos, já ameaçaram mudar definitivamente o seu destino desde o internamento de Tancredo Neves, no dia 14 de março. Políticos do PMDB que se incluem entre os poucos amigos íntimos do presidente interino acreditam que, se ele tiver de ficar na Presidência nos próximos dois anos, dificilmente mudará o Ministério. Cumprirá os compromissos assumidos por Tancredo Neves e em seu estado, o Maranhão, onde estão seus principais adversários políticos, tentará pacificar e unir o PMDB e o PFL para dividir entre eles as duas vagas do Senado, o governo do estado e a prefeitura de São Luís, em 1986.

O maranhense Renato Archer, ministro da Ciência e Tecnologia, é seu histórico adversário. No plano federal, contudo, dificilmente haveria uma transposição da política local. Nessa hipótese, José Sarney governaria com o Ministério de Tancredo Neves até que ministros renunciassem para poder concor-